Pobreza Anos 90 mantiveram renda concentrada e diferenças regionais

Desigualdade é obstáculo recorrente

Cristina Calmon Do Rio

As desigualdades existentes na sociedade brasileira não são ape-nas um dos maiores problemas sociais do país e o pano de fundo para o aumento da violência na grandes cidades. Elas são um en-trave ao crescimento econômico. ve ao crescimento econômico trave ao crescimento economico Esta é a avaliação do economista e historiador Sérgio Besserman Vianna, presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatís-tica (IBGE), que divulgou recen-temente a Sintese dos Indicado-

Os números do IBGE mostram que o país evoluiu muito nos últique o país evolusu muito nos umos anos, mas chegou ao fim da década de 90 mantendo inalterada a elevada concentração da renda e a desigualdade regional, além da distância que separa brancos e negros e homens e mulheres no mercado de trabalho.

heres no mercado de trabalho.
Segundo Besserman, o Brasil
continua com a triste marca de
ser um dos campeões mundiais
da concentração de renda, o
acordo com os números mais recentes colhidos pelo IBGE, uma
parcela mínima da população,
formada pelo 18 mais abastado,
to a menoria de uma norta de uma nor tormada peio 1.8 mais anastato, se apropria de uma porção da renda nacional equivalente a 13% do total, quase a mesma coi-sa que os 50% mais pobres da po-pulação têm para dividir entre si.

pulação têm para dividir entre si.
Alguns aspectos toruam, esa,
quadro amala grave, O 180E calcula que uma fatia expresiva
dos pobres, estimada em 29% da
população total e localizada
principalmente na regila Ootdeste, simplesmente não .tem
condições: de participar do mercado consumidor. Essas pessoas
têm renda inferior a R\$ 76 mensais, segundo o 180E.
Para Besserman, o combate às

Para Besserman, o combate às desigualdades tem de estar presente na agenda das reformas

públicas. Para isso, é preciso, ao longo das próximas duas déca-das, além de assegurar estabili-dade de preços e crescimento

dade de preços è crescimento sustentado, adotar mecanismo de correção de distorções provocadas pelas desigualdades de renda, regional, de cor e sexo, ajudando assim a aumentar o bem-estar social.

O economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Estudos Sociais da Fundação Gerúlio Vargas no Rio, acha que as desigualdades ainda são "um grande tabu para os brasileiros". Para ele, promover o crescimento da economia não basta para combater o problema e é preciso adotar políticas estruturais e compensatórias específicas para reduzir as disparidades de renda.

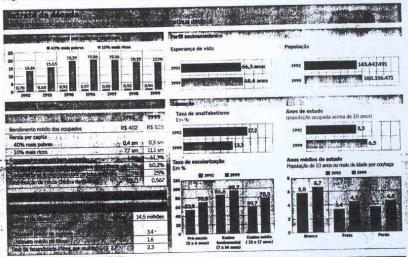
disparidades de renda.

Tomando como ponto de partida uma população estimada de 49,6 milhões de indigentes no país, ele testou o efeito que teriam sobre a pobreza três políticas diferentes, uma baseada apenas em crescimento, outra em distribuição de renda e uma terceira agregando as duas idéias. Segundo os cálculos de Neri, uma combinação das duas políticas traria o melhor resultado.

Numa primeira simulação, em que o país cresceria 4% ao ano, a pobreza diminuíria 17,8% nos próximos cinco anos. Numa servada basea con como de consultado de como disparidades de renda. Tomando como pon

próximos cinco anos. Numa se gunda hipótese, em que a eco mia permanecesse estagnada, mas o goverño adotasse uma po-lítica agressiva de distribuição de gressiva de distribuição de fitica agressiva de distribuição de renda, que reduzisse em 8,5% o índice de desigualdade, a população pobre seria reduzida em 21% em cinco anos. Se políticas de distribuição de renda fossem adotadas num período de crescimento econômico aceierado comento econômico aceierado co-mo o da primeira situação, seria possível reduzir em 46% a pobre-za, segundo Neri. A população indigente cairia de 49,6 milhões para 26,7 milhões de pessoas.





Especialistas sugerem novo foco para políticas públicas

O economista Marcelo Neri acha que há várias maneiras de combater a pobreza e impulsionar o crescimento da economia ao mesmo tempo. "Se a desigual-dade for atacada de forma adedade for atacada de forma ade-quada, além de reduzir a pobre-za, vai impulsionar o crescimen-to", diz. Ele sugere, por exemplo, énfase em políticas de apoio a pe-quenos empresários e produto-res agrícolas, com a concessão de crédito, estímulos à formação de de descriptions de assis-

crédito, estímulos á formação de cooperativas, garantia de assistencia técnica e qualificação profissional de adultos.

"O Brasil tem a tradição de financiar os grandes empresários com crédito a taxas subsidiadas", lembra o economista. "Apesar de ter ajudado o crescimento economisto de contribuiu para a despesa de contribuiu para a despesa foi se contribuiu par nômico, isso contribuiu para a concentração de renda, já que os concentração de renda, ja que os empregos criados pelos grandes projetos favorecem mais profis-sionais com maior qualificação." Todas as políticas públicas no Brasil amparam o trabalhador formal, quando na realidade são

formal, quando na realidade são os informais que formam o grande contingente de pobres e indigentes, lembra Neri, informando que um terço deles estão em famílias cujos chefes são trabalhadores por conta própria.

Tanto Neri quanto o presidente do IBGE, Sérgio Besserman, concordam que à educação é a alavantes para o desenvolvimento do pas et ambém o instrumento principal

e também o instrumento principal para reduzir as desigualdades, na medida em que dá acesso ao co-nhecimento, à informação e às

oportunidades no mercado de traalho. Mas eles reconhecem que os

balho. Mas eles reconhecem que os efeitos são de mais longo prazo, na medida em que os frutos só são colhidos quando os jovens chegam ao mercado de trabalho. Mesmo assim, o país poderia privilegiar políticas compensatórias para a educação, como os programas de bolsa-escola, que transferem renda para as familiar estativa esta de sou como de compensatorias para a familiar esta de como de compensatorias para as familiar esta de compensatoria esta de compensator lias cuias crianças estão na escola

has cujas crianças estao na escoia e geram incentivos para os pais educarem seus filhos.

Besserman avalia que a falta de acesso ao pré-escolar, problema que atinge basicamente os pobres, deixará nas crianças uma dificiales i recentradad que bres, deixará nas crianças uma deficiência irrecuperável, que carregarão por toda a vida adulta. É na partida, ou seja, na infancia, quando recebe uma nutrição adequada, estímulos aciatividade e à socialização, que a criança vai adquirir uma base de valores e garantir no futuro acesso ao mercado de trabalho e árenda. Patra o economista. à renda", alerta o economista

Besserman acredita que, além Besserman acredita que, além das políticas públicas, a intole-rância e o desconforto crescente da sociedade com a desigualda-de vão ajudar muito a reverter o quadro de injustiça social. Isso passa por um tratamento mais igualitário no Judiciário, de ren-da semelhante entre homens e mulheres com igual nível de es-colaridade, pelo fim da discrimi-

mulheres com igual invei de es-colaridade, pelo fim da discrimi-nação racial e da diminuição das desigualdades regionais. A preocupação com o assunto levou o Instituto de Pesquisa Eco-nômica Aplicada (Ipea) a publi-car no fim do ano passado o livro

"Desigualdade e Pobreza no Brasil", reunindo o pensamento de
42 estudiosos preocupados em
apontar soluções e enfoques para a formulação de políticas públicas que ataquem a pobreza.
Para o economista Ricardo
Henriques, da Diretoria de Estudos Sociais do Ipea e organizador
da publicação, combater a desigualdade representa o caminho
estratégico para a erradicação
definitiva da pobreza, "o mais
agudo problema econômico do
país". Um país que parece não
exibir carência de recursos e não
é pobre, segundo ele, masé injusexibir carencia de recursos e nao épobre, segundo ele, mas é injus-to com muitos pobres. Para ele, os caminhos passam pela redis-ribuição de terra, de renda e de riqueza, acesso a crédito e educa-ção universal de qualidade. "Pila-res de uma política estrutural de res de uma política estrutural de

res de uma política estrutural de erradicação da pobreza a partir da redução da desigualdade." O cientista político Wanderle Guilherme dos Santos, por sua vez, entende que a desigualdade na distribuição da renda nacio-nal, um problema que não preo-cupa os mais ricos, não será resolvida com a redistribuição das riquezas produzidas pelo país. E quezas produzidas pelo país. E nem a curto e médio prazo com investimentos em educação, que reconhece como fundamentais. "Mas sim com a retomada do crescimento económico, instru-mento capaz de criar empregos e aumentar os salários reais da economia", afirma o cientista po-físico, lembrando que, para vialítico, lembrando que, para via bilizar a expansão da economia, é preciso oferecer taxas de inves-timento atraentes. (C.C.)

X 9	ate i			1.2		7.	William Inc.
推劃		Bin offices	-4.00	1	4 9	Em milhões	THE PARTY
1977	17.0	1977		1977	39.6	1977	40,7
197B	21,8	1978 23	2	7 1978 A	42.6	1978	45.2
3079	239	1979	B.0	1979	38.8	1979	42,0
1980	18.8	1980 22	i	1980 1	43.2	1980	90.7
4981 964	19.4	1981	14	18981	43.2	1981	52.0
1982 14	25.0	1982	30.7	11982	51.1	1982	62.8
1983	23.6	1983	29.8	# 1983	50.5	1983	
1984	19,3	1984	5.1	1984	43.6	1984	56,9
1985	9.8	1985		9 1985	28.2	1985	17,6
1986	18,5	1986	BU	1986	40.9	1986	67.6
1987	22.1	* 1987	30,4	1987	45.3	1987	60.7
1988	20.7	1988	29,3	1988	429	1988	1 63/2
1989	21.4	1989	30.0	1989		1989	57.3
1990	19,3	1990	27.1	1990	40.8	1990	100
1991	19.5	1991	27.8	1000991	41.7	1991	50.3
1992	14.6	1992	4	3992	339	1992	50.3
1993	15,0	1993	2,4	11993	33.5	1993	
1994	14,8	1994 Z	2,5	7 1994	339	1994	51,5
1995	14.1	1995	L)	1995	32.8	1995	50.3
1996	14,5	1996	2,6	1996	34.1	1996	130,1

Alter cause in the	4	60 BER 1807		X of Marie		文學
10	1.15		(+ 50).	47 344 154		- A - A - A - A - A - A - A - A - A - A
25 20%	NA PER			OF THE PARTY	104	THE RESERVE
1977	2.4	77.35	11,7	7 A 60.6	51,6	18,5
1978	2.1	7.6	12,0	641	47.7	136
1979	19	7.5	11.9	64.2"	47,6	134 -
1980	26	8.6	130	63.1	46,7	12.7
1981	2.5	8.2	12,6	637	47,3	1943 131
1982	2.5	8.1	12.4	64.4	47.7	2211 135
1983	2.7	8.5	12.8	63.8	47,6	132
1984	2.5	8.2	12.4	64.4	48.2	14,2
1985	2.6	8.5	12.9	63.4	47,2	138
1986	2.3	7,9	12.1	643	48.0	14,1
1987	2.1	73	11.3	66,0	49.7	14.4
1988	2.0	6.8	10,5	67.8	51.7	16,4
1989	2.1	7,3	11.3	65,6	49.1	14,2
1990	2.3	8,4	13.1	62.1	45.8	13,2
1991	2.2	79	12.3	64,5	48,6	15.0
1992	2.3	8.0	12.3	64.2	479	139
1993	2.	7.7	12.1	64.1	47,6	13.5
1994	2.2	7,8	12.1	64,2	47.7	13,8
1995	2.2	7,9	12,2	64.2	47.9	13,9
1996	2.3	8.1	12.6	63.8	47,4	133